

Diáspora e feminicídio: o silenciamento das mulheres na ficção cabo-verdiana

Diáspora y feminicidio: el silenciamiento de las mujeres en la ficción caboverdiana

Diaspora and femicide: the silencing of women in Cape Verdean fiction

Jorlaíne Monteiro Girão de Almeida¹

Resumo

Fundamentado nos pressupostos do Pós-Colonialismo e do Feminismo, este trabalho tem como objetivo a análise da condição feminina em situação de diáspora. O objeto de análise será o conto “Thonon-les-Bains” da autora cabo-verdiana Orlanda Amarilis, publicado em sua coletânea intitulada *Ilhéu dos pássaros* (1983). É uma pesquisa bibliográfica, de análise literária e caráter imanente, tendo como bases teóricas os autores: Heloisa Buarque de Hollanda (2018), Albert Memmi (2007) e Gayatri Chakravorty Spivak (2010). A condição diaspórica é representada na narrativa por irmãos que migram para a França em busca de melhores condições de vida. A condição de imigrantes torna-os subalternos desse país, sendo suas identidades alvo de várias formas de violência, dentre elas o feminicídio. O tema retratado em 1983 pela autora ainda pertence à atualidade num dado momento em que o número de refugiados e imigrantes vivem num período de anti-imigração, propostos por países de extrema-direita e o número de casos de violência contra à mulher crescem a cada ano.

Palavras-chave: Literatura Cabo-verdiana. Feminismo. Diáspora. Identidade. Feminicídio.

Resumen

Partiendo de los supuestos del poscolonialismo y el feminismo, este trabajo tiene como objetivo analizar la condición de las mujeres en una situación de diáspora. El objeto de análisis será el cuento “Thonon-les-Bains” de la autora caboverdiana Orlanda Amarilis, publicado en su colección titulada *Ilhéu dos aves* (1983). Se trata de una investigación bibliográfica, de análisis literario y carácter inmanente, que tiene como bases teóricas a los autores: Heloisa Buarque de Hollanda (2018), Albert Memmi (2007) y Gayatri Chakravorty Spivak (2010). La condición diaspórica está representada en la narrativa por hermanos que emigran a Francia en busca de mejores condiciones de vida. La condición de los inmigrantes los subordina a ese país, siendo sus identidades el blanco de diversas formas de violencia, incluido el feminicidio. El tema retratado en 1983 por la autora aún pertenece a la actualidad en un momento en el que el número de refugiados e inmigrantes viven en un período antiinmigratorio, propuesto por países de extrema derecha y el número de casos de violencia contra la mujer crece con cada año.

Palabras clave: Literatura caboverdiana. Feminismo. Diáspora. Identidad. Femicidio.

¹ Mestranda em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Professora de Língua Portuguesa do Curso de Letras e dos Cursos Técnicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá. E-mail: jorlaine.almeida@ifap.edu.br

Abstract

Based on the assumptions of Post-Colonialism and Feminism, this work aims to analyze the condition of women in a diaspora situation. The object of analysis will be the short story “Thonon-les-Bains” by Cape Verdean author Orlanda Amarílis, published in her collection entitled Ilhéu dos aves (1983). It is a bibliographic research, of literary analysis and immanent character, having as theoretical bases the authors: Heloisa Buarque de Hollanda (2018), Albert Memmi (2007) and Gayatri Chakravorty Spivak (2010). The diasporic condition is represented in the narrative by brothers who migrate to France in search of better living conditions. The condition of immigrants makes them subordinate to that country, their identities being the target of various forms of violence, including femicide. The theme portrayed in 1983 by the author still belongs to the present day at a time when the number of refugees and immigrants live in an anti-immigration period, proposed by far-right countries and the number of cases of violence against women grows with each year.

Keywords: Cape Verdean literature. Feminism. Diaspora. Identity. Femicide.

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho é compreender de que forma as mulheres negras, periféricas e em situação de diáspora são vistas e tratadas socialmente e, a partir desse entendimento, explanar a influência dessa visão à permanência delas na mesma condição de subalternidade, tendo como base teórica o pós-colonialismo e o feminismo.

No intuito de analisar essas pautas, este artigo se propõe a fazer uma análise do conto “Thonon-les-Bains”, publicado no livro *Ilhéu de Pássaros* (1983), de Orlanda Amarílis, escritora cabo-verdiana que viveu a diáspora de sua região e reflete na obra a realidade vivenciada por ela. A autora de textos pertencentes à literatura africana de língua portuguesa retrata o contexto posterior ao fim do colonialismo português, onde muitos moradores da região partiam para a Europa em busca da sobrevivência e de condições melhores de vida. O conto analisado dá luz a discussões sobre a experiência do imigrante e retrata o olhar de superioridade do europeu diante da condição de “outro” do estrangeiro. Aquele que é dominado, o sujeito subalterno “refere-se a pessoas na sociedade que são o objeto da hegemonia das classes dominantes... colonizados, trabalhadores rurais, operários e outros grupos aos quais o acesso ao poder é vedado” (BONNICI, 2005, p. 230).

A condição de mulher, imigrante e africana confere na atualidade uma relação de subalternidade, segundo o ponto de vista de Spivak (2010). Episódios recentes de medidas anti-imigração ganharam repercussão mundial na mídia. Essas medidas nos levam a refletir sobre o debate acerca da diáspora e também sobre a inferiorização da mulher diante do olhar do colonizador.

Grande parte dos autores de literatura africana retratam a realidade de seu país após a independência do país colonizador. O que difere Amarílis dos outros autores é o olhar para o universo feminino, tendo como foco as mazelas sofridas por elas no universo da diáspora. A condição de objeto sexual também é abordada em suas obras, esse condicionamento deixa de lado sua humanidade e as múltiplas qualidades pertencentes ao seu ser e a reduz a apenas à finalidade da exotização.

A narrativa de Amarílis também traz a reflexão sobre o feminicídio, que se faz presente até a atualidade em todos os países do mundo. A partir de todas essas temáticas abordadas pela autora, a pesquisa terá como embasamento teórico o Pós-colonialismo como suporte para a condição diaspórica e o Feminismo para análise da condição de desigualdade de gênero. A análise realizada justifica-se pela relevância social da temática levantada pela autora que apresenta estilo crítico acerca da condição vivenciada pelas mulheres em condição de desigualdade, dando voz ao sujeito oprimido com o intuito de integrar este sujeito marginalizado na sociedade, e assim promover um lugar onde o sujeito colonial e a mulher subalterna possam falar e tem como objetivo a análise da condição feminina em situação de diáspora.

THONON-LES-BAINS

Até a década de 1980, os movimentos feministas eram liderados por mulheres brancas e de classe média. McCanner (2019) afirma que embora as mulheres negras e de classe baixa fizessem parte durante todo o percurso do movimento, suas lutas sempre eram vistas como menos importantes, pois o movimento buscava retratar aquelas que eram representadas pela liderança. A escritora Angela Davis defendeu esse ponto de vista em suas publicações, para ela as feministas reforçavam o racismo e o preconceito de classe em suas buscas por igualdade:

Ao escrever sobre a primeira convenção pelos direitos das mulheres, que aconteceu em Seneca Falls, em Nova York, em 1984, Davis aponta como as sufragistas do século XIX ressaltaram a importância do casamento e a exclusão das mulheres das carreiras profissionais como as duas maiores formas de opressão que as impactavam. Davis afirma que essas preocupações eram específicas das mulheres brancas e economicamente privilegiadas e deixavam de lado o drama das mulheres brancas de classes trabalhadoras e das mulheres negras escravizadas, assim como o racismo suportado pelas mulheres negras livres nos estados do Norte dos EUA. (MCCANNER, 2019, p. 204).

A luta por igualdade representada na literatura africana de língua portuguesa traz essa pauta. Orlanda Amarilis é uma das mais notáveis escritoras da ficção cabo-verdiana. Suas obras apresentam temas marcantes a partir da perspectiva feminina do retrato da vida das mulheres envoltos à diáspora dos cabo-verdianos. A autora, através de seus textos, denuncia as injustiças sociais e representa a realidade da mulher através da literatura cabo-verdiana que busca a igualdade de oportunidades para as mulheres. Bonnici fala da forte analogia entre patriarcalismo/feminismo e colonizador/colonizado, argumentando que a objetificação da mulher funciona como metáfora da degradação das sociedades pelo colonialismo e ressaltando que “a mulher sempre foi relegada ao serviço do homem, ao silêncio, à dupla escravidão, à prostituição ou a objeto sexual” (2005, p. 231).

Heloisa Buarque de Hollanda defende que o feminismo negro é marcado pelo racismo e precisa de uma atenção diferenciada:

O feminismo negro enfrenta a desigualdade, o silenciamento, a discriminação, o genocídio e a violência sofridos por mulheres e homens negros, se põe contra a apropriação do capital cultural afro-brasileiro, valoriza ideias como a interseccionalidade, o “lugar de fala” e a afirmação estética da “geração tombamento” e, o que é bastante interessante, não dissocia as demandas de seus filhos homens negros da pauta de sua luta. (HOLLANDA, 2018, p. 242)

Orlanda Amarilis foi o primeiro nome feminino da África a ganhar destaque na literatura internacional por trazer ao cenário literário o cotidiano da mulher, tanto aquelas que emigram em busca de melhores condições de sobrevivência quanto as que permanecem na ilha enfrentando as adversidades impostas devido à escassez de chuvas e recursos do arquipélago. Assim, a divulgação do trabalho de Orlanda torna-se imprescindível para refletir criticamente sobre a condição social, política e cultural da mulher de seu país, como afirma Jane Tutikian:

Não obstante sua importância para o sistema literário de seu país e, ainda, o fato de ser uma das mais importantes escritoras dos cinco países africanos de língua portuguesa, pouco se conhece da obra de Orlanda Amarilis, embora traduzida em vários países. (2008, p. 239).

No século XX o fluxo de mulheres que buscaram outros países como forma de sobrevivência, trabalho e melhores condições de vida foi contínuo. Quando se deparam com o homem branco colonizador na metrópole, elas acabam percebendo a realidade de sua condição inferior, não só por ser o “outro” (mulher em sua própria cultura), mas também, por sua condição de imigrante, conforme assegura Spivak (2010, p. 15) “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir”. Quando se fala em mulher pobre e negra, Spivak (2010, p. 85) afirma que a cor, o gênero e a pobreza conferem

a ela a condição de subalternidade, ela pertence à periferia social, o que acaba marginalizando-a e condicionando-a à dominação masculina.

A literatura de Amarílis, analisada como fonte no interior de uma investigação historiográfica, além do notório caráter interdisciplinar, tem outros significados. Ela é a observação da sociedade, pois traz a revelação dos seus focos mais candentes de crise e a mágoa dos atormentados, explana mais uma pretensão de transformação do que os da estabilidade. Tendo um compromisso maior com a realidade do que com a fantasia, atenta-se com aquilo que poderia, ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real. Pois como afirma Cândido (1995, p.175) “cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles”.

Orlinda Amarílis em seu livro de 1982, Ilhéu dos Pássaros, no conto intitulado “Thonon-les-bains” registrar a experiência das mulheres imigrantes, não deixando de registrar sua vulnerabilidade e sua força. De um lado, na narrativa, temos a representação da mulher que vai em busca de melhores condições em outro país, e de outro, a mãe que fica em Cabo Verde aguardando notícias de seus filhos. A mãe vive em condições precárias junto a seus outros filhos e convive com a expectativa de dias melhores em outro país a partir da esperança de emigração dos demais membros da família. Sua maior alegria advém das cartas que aguarda de seus filhos com notícias e previsões sobre suas vidas.

A literatura diaspórica escrita por Orlinda traz enunciações da tensão vivida em outra nação e as situações do passado em Cabo Verde. A memória é utilizada como recurso para apresentar uma forma literária que visa a criticidade diante da realidade, o neorealismo, conforme ratifica Benjamin Abdala Júnior:

uma corrente artística voltada para uma inserção crítica no real, e suas perspectivas de transformação. Ao contrário dos produtos estandardizados da mundialização procurou, como acontece em Orlinda Amarílis, a identidade de seus produtos culturais (identidades individuais, regionais ou nacionais). (1999, p. 88).

A solidão e a tristeza da mulher que lança mão de seus filhos que estão em busca de condições de vida melhores na França marcam o início do conto. A mãe havia apoiado a ida de sua filha junto a seu enteado para a cidade de Thonon-les-Bains que fica na fronteira com a Suíça:

Ficou feliz. A carta trazia tudo explicadinho tintim por tintim. Pela manhã sentira um baque no coração e encostada na ombreira da porta da rua esperara até acalmar aquele coração doido doido, a bater tão descompassadamente. Antoninho Coxinho encontrara-a ainda sem cor e animara-a. Eh, nh'Ana, bocê está com uma cara puxada. Bocê ponha-se contente, eu trago uma carta de França pá bocê. Bocê oiá, esse selo é frâncés, é selo de estrangeiro. (AMARILIS, 1983, p. 17)

Na sequência, o conto apresenta a formação familiar de Nh'Ana, viúva de Chico com quatro filhos que criara sozinha desde a sua morte. Um dos filhos, Gabriel, é descrito como “filho arranjado fora de casa” (*ibidem*, p. 18), seu enteado que sempre a ajudava enviando dinheiro para custear parte da despesa da família. Gabriel, na carta, avisa à mãe que sua irmã Piedade poderia ir morar com ele na França e que depois mandaria buscar os outros irmãos. A representação da força da mulher e a busca pela independência é colocada na narrativa no momento de questionamento sobre a ida da filha para outro país por sua comadre: “Mas, comadre Ana, bocê não tem medo de mandar a sua filha assim sozinha para tão longe?” (*ibidem*), nesse momento Ana esclarece sua decisão em virtude do crescimento pessoal que Piedade pode alcançar e do apoio financeiro que isso trará para a família, uma vez que todos eles estão passando por dificuldades até para manter a alimentação da família.

Piedade migra para longe da pobreza e das carências vividas nas ilhas de Cabo Verde, onde passa a trabalhar também como operária de uma pequena fábrica de esqui e na limpeza de um hotel onde o patrão troca moradia embaixo da escada por seus serviços, mostrando a precariedade das garantias e direitos trabalhistas para os imigrantes, como afirma Memmi (2007, p. 127) “Assim como o colonizador é tentado a aceitar-se como colonizador, o colonizado é obrigado, para viver, a aceitar-se como colonizado”, assim, Piedade aceita quaisquer condições de trabalho para sua sobrevivência:

O seu trabalho no torno numa fábrica de esquis agradava-lhe sobremaneira. Descrevia em pormenor como apertava os parafusos, dava a volta aqueles paus informes, aparava-os, alindava-os à força de máquinas, desapertava os parafusos de novo e lá iam eles para outras mãos fortes para os polirem, depois para outras para lhes colocarem os ferros e assim por diante. A irmã estava no serviço de colar as etiquetas e dar uma limpeza final a cada esqui. Não fiques apoquentada com esta conversa sobre o frio de Thonon, mamãe, porque mana também faz limpeza no hotel de manhãzinha muito cedo e o patrão deixa-nos dormir no caveau da escada no corredor onde tem um calorzinho sabe dia e noite. (AMARILIS, 1983, p. 20)

Piedade está noiva de um francês e no decorrer da narrativa a mãe parece satisfeita por trazer a seus futuros netos características físicas do povo colonizador: “A sua filha ia casar com um francês, assim iam ter os seus filhos de cabelo fino e olho azul ou verde” (Amarilis, 1983, p. 20). Nesse trecho temos a visão do colonizador merecedor de sua condição sendo assimilada

pelo colonizado, Memmi (2007, p. 30) nos esclarece essa visão: “Os opressores produzem e mantêm pela força os males que, aos seus olhos, tornam o oprimido cada vez mais semelhante ao que precisaria ser para merecer sua sorte”. Desse modo, para adquirir a condição de superioridade do colonizador, o colonizado busca se assemelhar a ele.

O relacionamento de Piedade é abusivo segundo sua descrição numa das cartas enviadas à mãe “Jean era um bocado ciumento, tinha quarenta e dois anos, era separado de uma outra mulher” (Amarilis, 1983, p.20). No entanto, esse ciúme demais era controlado por atitudes gentis: “trazia chocolates quando vinha namorar com ela” (*ibidem*), e suas atitudes eram acompanhadas de perto por Gabriel que nunca os deixava à sós. Com o passar do tempo as cartas à mãe diminuíram e a descrição do noivo era sempre sem entusiasmo, Piedade falava dos presentes que recebera do noivo e das viagens à Suíça que fazia com ele. Já Gabriel descrevia suas aquisições com empolgação demonstrando a realidade melhor afortunada na França em comparação a Cabo Verde. Com o tempo, ela se desapontara com a diferença de idade entre os dois, visto que queria divertir-se, enquanto o noivo ficava apenas a observar com rabugices as atitudes dela: “Um bocado alevantada, esboada mesmo, queria brincar, rir, fumar o seu cigarrinho e ei-la agoniada com as conversas de gente-velha do Jean” (Amarilis, 1983, p.21).

O clímax do conto ocorre numa festa de aniversário de Gabriel, onde Piedade preparou várias bebidas para a ocasião. O noivo de Piedade ficou sentado durante a festa acompanhando seus movimentos de dança com Mochinho: “A folia entrou pela noite adiante. Mochinho não largava a Piedade. De uma garrafa de grogue ia sorvendo goiadas para se aquecer” (Amarilis, 1983, p.22). A partir de então, tem-se a descrição da euforia de Piedade diante a dança, seu corpo é colocado propositalmente como objeto sexual do dominador: “Piedade, numa euforia nunca vista, agarrou uma toalha de rosto, atou-a abaixo da cintura e rebolou as ancas” (*ibidem*), aqui observa-se o estereótipo da mulher negra que, segundo Ribeiro (2018, p. 143), são descritas desde a colonização como “quentes, naturalmente sensuais, sedutoras”. Mochinho então revela seu desejo pela moça sugerindo que ela deixe Jean e tenha um relacionamento sexual com ele: “Olá, Dadinha, larga este bedjera do Jean. Vais ser minha tchutchinha, menina. Não queres ser minha tchutchinha?” (*ibidem*). A sensualidade da mulher negra não é problema quando ela não está condicionada a apenas essa característica, deixando de lado sua humanidade e sua multiplicidade, transformando-a em objeto. Segundo Ribeiro (2018, p. 144) “É necessário sair do senso comum, romper com o mito da democracia racial que camufla o racismo latente desta

sociedade. Não podemos mais aceitar que mulheres negras sejam relegadas ao papel da exotização”.

Jean movido pelo ciúme, que já havia sido descrito por Piedade como exagerado, anunciou sua saída da festa. Ela sentindo-se culpada avisa que irá acompanhá-lo. Ele a leva para o banheiro e tranca a porta. Piedade acredita que ele iria ter com ela sua primeira relação sexual, o que não teria problema, segundo ela, visto a proximidade do casamento. E é então que ela sente algo gelado em seu corpo e vê algo brilhante na mão de Jean e quando pensa em gritar já não pode, pois ele tapara-lhe a boca:

Sentiu uma frieza no pescoço e a seguir lume, lume. Da casa de banho um grunhido fino ganhou intensidade e correu a casa toda. Os olhos de Piedade esbugalharam-se mais, o pescoço retesou-se, deixou cair os braços. O sangue correu por debaixo da porta para o corredor. Jean levantou-se, fechou a navalha e abriu a janelita. Do lado de fora começaram a bater com força na porta. Gabriel só dizia “abre a porta, mana, abre!” O suíço deu vários encontrões na porta e conseguiu força-la [...]. Quando conseguiram entrar e acender a luz, o espetáculo horrorizou-os. Piedade tinha sido degolada, degolada como se de um porco se tratasse. (AMARILIS, 1983, p. 22-23)

Amarílis mostra em seu conto o retrato das relações abusivas que acabam em assassinato. O feminicídio é uma dura realidade presente em todos os continentes do mundo. Segundo pesquisa divulgada pelo jornal Estado de Minas (2019), a Ásia lidera a triste lista de mulheres assassinadas (20.000) por seus parceiros, ou familiares, em 2017, seguida pelo continente africano (19.000), América do Norte, Central e do Sul (8.000), Europa (3.000) e Oceania (300), de acordo com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC). Na África (África do Sul, Senegal, República Democrática do Congo, entre outros) as mulheres "correm mais risco de assassinato por seu companheiro ou um integrante de sua família" (69%), de acordo com a ONU. Vários países de todo o mundo criaram leis para combater o crime, como diversos países da América Latina, de onde surgem as primeiras legislações sobre feminicídios, mas ainda é preciso avançar com o combate ao crime, visto que as práticas aplicadas ainda se mostram pouco eficientes na diminuição do número de feminicídios.

Na sequência da narrativa, Gabriel é expulso da cidade após o assassinato de Piedade, devido ao incômodo provocado pelo calamitoso episódio. Quando retorna a Cabo Verde, Gabriel mal consegue explicar à família o ocorrido, trazendo em seu íntimo sua impotência de imigrante africano em terras europeias. Quando sua madrasta o questiona acerca da justiça sobre o caso, ele responde tristemente que: "Isso não adiantava nada. Eles sabiam mãe Ana, sabiam, isto é, desconfiavam, mas eu sou emigrante. Emigrante é lixo, mãe Ana, emigrante não é mais

nada” (Amarilis, 1983, p.25). A condição de inferioridade fica exposta no conto analisado, a reflexão sobre a atualidade do tema também é pertinente num dado momento em que milhares de refugiados morrem ao mar, visto como ninguém, ou como animais, como Piedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do conto de Amarílis possibilitou uma compreensão crítica sobre a sociedade de países Africanos, especialmente sobre a condição de imigrantes em países europeus. Essa investigação deu destaque às particularidades da condição vivenciadas por mulheres negras, pobres e que buscam outros países para melhoria de suas condições. O retrato desenhado por Amarílis demonstra uma mulher enclausurada num corpo definido pelo gênero e pela raça, um corpo colonizado, definido pelo olhar do outro como um corpo de mulata sensual e objeto sexual.

A ficção de Orlanda Amarílis, apesar de ressaltar a condição feminina não a restringe. Ela representa a coletividade através do individual, através de problematizações que também refletem o universo masculino, mas com nuances que o agravam pela condição de inferioridade da mulher. Em outras palavras, essas adversidades são gerais, como a condição de “outro” imigrante, mas existem agravantes a essa situação que são vivenciados apenas pelas mulheres, simplesmente pela estereotipização do feminino, que acabam resultando em ações de domínio como o estupro e o feminicídio.

A análise possibilitou a reflexão sobre o sistema colonial que subjuga a identidade de um indivíduo à cor de sua pele e o desloca da sociedade condicionando-o à minoria dentro do sistema e de um sistema patriarcal que inferioriza a mulher. Amarílis, ao construir seus personagens, faz refletir sobre a abertura de espaços nas condições globais. A cultura, a economia e a política devem ser pensadas numa perspectiva de globalização e a condição diaspórica não deve ser empecilho para o desenvolvimento humano.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Orlanda Amarílis, literatura de migrante*. Dossiê Via Atlântica, São Paulo, n. 2, p. 76-89, 1999.

AMARILIS, Orlanda. *Ilhéu dos pássaros*. Lisboa: Plátano, 1983.

BHABHA, H.K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: ED. UFMG, 1998.

BONNICI, T. & ZOLIN, L. O. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2.ed. Maringá: Eduem, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo, Edusp/Itatiaia, 1975. v. 1 e 2.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEMINICÍDIO, uma praga mundial e persistente. *Jornal Estado de Minas*, Minas Gerais, 19 de nov. de 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/11/19/interna_internacional,1102201/feminicidio-uma-praga-mundial-e-persistente.shtml. Acesso em 05 de mar. de 2020.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MCCANN, Hannah [et al]. *O livro do feminismo*. trad. Ana Rodrigues. 1 ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado precedido do Retrato do colonizador*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TUTIKIAN, Jane. *Por uma Pasárgada caboverdeana*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 42-52, out./dez. 2008.